

# O ESPANTO META-HISTÓRICO DE NUNO BRAGANÇA

## NUNO BRAGANÇA'S META-HISTORICAL ASTONISHMENT

Patrícia da Silva Cardoso\*

UFPR

**Resumo:** O esforço radical de transformação partilhado mais ou menos difusamente pelo ocidente ao longo dos anos 60 teve no Maio de 68 francês uma síntese a partir da qual se pode dimensionar o radicalismo das atitudes dos envolvidos – um ponto de chegada necessariamente explosivo daquilo que, nos âmbitos cultural e ideológico, andava nas cabeças e nas bocas. O cenário português daquele período, marcado pelas tensões internas definidas pela guerra de descolonização associada à ditadura, dá bem a medida dos termos em que se deu o diálogo com o contexto francês de 1968, já que as questões próprias à realidade nacional conferiam à movimentação um considerável lastro de especificidade. Relativamente à produção cultural à volta do Maio de 68 e do 25 de Abril, a leitura da obra de Nuno Bragança (autor ligado à luta anti-salazarista, residente em Paris de 1968 a 1972) auxilia na compreensão de tal especificidade, bem como da abrangência e limite do que se passou naquele momento histórico.

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa. Nuno Bragança. *A noite e o riso*.

**Abstract:** The effort geared toward radical transformation, diffused throughout the West in the 1960s, can be iconised by the French May 1968. This series of events gives appropriate dimension to how extreme the attitudes of those involved were, culminating in an explosive finishing line of what inhabited the minds of the time, ideologically and culturally. Marked as it was by internal tensions originated in decolonization war, the Portuguese scene at the time can offer a good measure of how the French reality could establish dialogues with other contexts. As far as the cultural production related to May 1968 and 25th April is concerned, reading Nuno Bragança (an author who had connections to the anti-Salazarism movement and lived in Paris from 1968 to 1972) may be of help in order to understand these specificities, as well as the broadness and contours of what happened at those historical times.

**Key words:** Portuguese Literature. Nuno Bragança. *A noite e o riso*.

A fim de apontar a contribuição da obra de Nuno Bragança para a reflexão acerca dos valores em jogo no Maio 68 e seus possíveis ecos na nossa contemporaneidade, começo por voltar a “Maio de 1968 ou a medida do impossível”, o texto de Haqira Osakabe que serviu de mote ao evento *Existir, Resistir: Resistir*, VI Colóquio do Centro de Estudos Portugueses da Universidade Federal do Paraná

---

\*Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, é professora da Universidade Federal do Paraná

Nesse artigo o que se desenha a propósito daquela experiência e seu entorno está marcado por duas palavras: *libertário* e *explosivo*. Haquira Osakabe lembra que o diferencial daquele momento era que “o confronto dos estudantes com forças policiais e parapoliciais atingia agora um *rumo estranhamente fascinante*: onde estaria o limite de tudo?, o que era possível ou impossível?” (1999, p. 163, grifos meus); “(...) o mundo começava a estar à deriva” (1999, p. 163); “Tudo se voltava contra a tradição arcaica e alienante” (1999, p. 164).

A propósito dessa vigorosa imposição de um movimento projetivo que atingia todas as instâncias da sociedade, o autor cita a primeira estrofe do poema “Cogito”, de Torquato Neto:

eu sou como eu sou  
pronomes  
pessoal intransferível  
do homem que iniciei  
na medida do impossível (1999, p. 166)

Se neste início manifestam-se claramente aquelas linhas de força identificadas por Haquira, a confiança que dele emana vai sendo minada à medida que o eu lírico avança em sua descrição:

eu sou como eu sou  
agora  
sem grandes segredos dantes  
sem novos segredos dentes  
nesta hora

eu sou como eu sou  
presente  
desferrolhado indecente  
feito um pedaço de mim

eu sou como eu sou  
vidente  
e vivo tranqüilamente  
todas as horas do fim (NETO, 1982, s/p.).

Escrito por alguém afinado com as questões centrais do movimento Maio 68 como foi Torquato, o poema encena a centralidade do sujeito na vivência daquela radicalidade: a repetição do verso “eu sou como eu sou”, a reafirmar peremptoriamente uma identidade que se explica como um “pronomes pessoal e intransferível” dá a medida de que o percurso para e na liberdade faz-se autonomamente; não há perspectiva de partilha com um outro daquilo que se vai viver ao longo do caminho. O eu lírico insiste nisso, indicando mesmo que o próprio início do processo dá-se sob o signo dessa autonomia – “do homem que iniciei”.

No entanto, a firmeza positiva com que se delineiam os termos da experiência – tom predominante no poema, que o “vivo tranquilamente” do penúltimo verso parece arrematar – contrasta com o que se apresenta no último verso, “todas as horas do fim”, descrevendo um movimento que funciona como corte/interrupção da lógica que dominava até ali. O corte permite que uma sombra insinue-se e ameace o percurso aparentemente tão solar. Essa sombra sugere a precariedade, a insustentabilidade da experiência descrita pelo eu lírico, sem que se registrem no poema os motivos para tanto. O que poderia ameaçar a vitória do sujeito em sua radical trajetória libertária?

Justamente tais motivos podem ser encontrados num outro percurso, descrito pelo escritor português Nuno Bragança em *A noite e o riso*, romance escrito entre 1966 e 1969 e publicado nesse mesmo ano. Também neste exemplar literário do período trata-se de abordar o sujeito e sua incompatibilidade com seu contexto de origem. Sua des-inserção desdobra-se na necessidade de definir-se através de outros parâmetros, o que até aí corresponde ao que vemos no poema de Torquato. A diferença está no fato de que a identidade do protagonista de *A noite e o riso*, essencial para a sua constituição enquanto sujeito que escreve, e escreve aquilo que estamos a ler, é determinada por sua relação com os outros, com quem ele aprende e apreende sua alteridade em relação àquela identidade original com a qual se incompatibiliza à partida, de nascença. Portanto, sua tomada de consciência da sua diferença em relação ao seu meio familiar e de classe prescinde da relação com os outros.

O tríptico em que se estrutura o livro reforça o processo de des-inserção desse sujeito que, nascido em um ambiente marcado pelos valores da alta burguesia, dos quais ele nada percebe, é apresentado ao ambiente oposto, da marginalidade involuntária a que é submetida a classe pobre. Nele mergulhando, o protagonista abre-se para formas consistentes de interação consigo porque passa a interagir com os outros.

Num país católico porque sim, só pais possessos de frenético niilismo ousam desafiar o aparente brinde que a máquina religiosa concede às vielas quando organiza atos desses, coletivos, em que ao filho de ricos é ordenado misturar-se temporariamente aos muitos filhos da mãe. Destarte, a catequese, de o Velho, Santos, tornou-se uma mini-Sorbonne Maio 68. Aos meus olhos esparvoados por veludos, o desvairamento das crianças ditas populares foi um disparo de canhão batendo em cheio num museu de porcelanas (BRAGANÇA, 2017, p. 70).

Esse movimento de afastamento descrito pelo narrador é marcado formalmente no texto pela utilização de estratégias narrativas nada convencionais para dar conta da sua escolha por uma vida pautada pelo franco, furioso repúdio da convenção – social, cultural, política – como princípio. Assim, a forma do tríptico assumida pelo texto corresponde às três etapas de um processo: a primeira delas abrange a infância do protagonista, orientada pelo espanto nele provocado por um mundo cujos valores e comportamentos são sórdidos a ponto de apresentarem-se aos seus olhos como uma peça surrealista, uma realidade insólita mimetizada pela narrativa.

A parte central do tríptico é aquela onde se concentram suas principais experiências, que consolidam sua tomada de consciência acerca de seu não-pertencimento. São as linhas de força dispostas no texto para que tanto o narrador quanto o leitor compreendam em que consiste a sua diferença essencial em relação à sua classe de origem.

O último painel, apresentado sob a forma de exercícios de escrita, é o resultado *inicial* do processo de tomar-se pé de si próprio. Assumindo ser a escrita o seu destino, o narrador protagonista só consegue entregar-se a ele de maneira efetiva depois de perceber-se a si, para o que é condição o perceber-se em relação aos outros, sim, mas principalmente como beneficiário da ação alheia sobre si. Conforme o romance avança, a experiência com os marginais de vária ordem a que se entrega o protagonista, orientada pelo ideal libertário e explosivo de que fala Haqira Osakabe, a princípio partilhada com o eu-lírico de Torquato Neto, segue numa direção distinta a partir dessa inclusão do outro no horizonte do próprio.

Por exemplo, na perspectiva de ultrapassamento da dicotomia entre possível e impossível, na medida em que a convivência com indivíduos jovens como ele, irmanados pela condição de marginalidade dá-lhe a dimensão do trânsito da esfera do impossível para a do possível: “éramos muito novos e tínhamos as algibeiras cheias de possível” (BRAGANÇA, 2017, p. 92). O impossível não se apresenta neste cenário, é apenas o possível, que efetivamente tem-se na algibeira, que interessa. Mas a criação de novas realidades que o uso do possível propiciará depende grandemente da energia que emana do convívio entre esses iguais na desigualdade, é ele que evita a perda do foco, o que equivale a dizer a aceitação de regras alheias à esfera dessa marginalidade transformadora.

E o romance leva longe essa convicção do ultrapassamento do impossível, sempre orientado pelo princípio da relação. O ponto máximo do uso desse princípio diz respeito ao tratamento reservado à esfera da sexualidade – como sabemos, objeto de importância central para o exercício da liberdade naqueles idos de 68. Em *A noite e o riso*, muito anticonvencionalmente, a plenitude do indivíduo advinda dessa esfera é fruto não de uma viagem de mão única, e sim de uma partilha. Não se trata de uma mudança de rota fácil, pois o caso é o de se incluir nessa experiência o entendimento do outro, a aceitação da sua diferença.

Para dar a medida da dificuldade e ao mesmo tempo encarnar o percurso que pode (não há garantia de sucesso, é importante registrá-lo) dar acesso a tal partilha, o discurso que constitui *A noite e o riso* abre-se para outras vozes, dando-lhes vez. À partida, marcando a distância que separa o eu e o outro, o sentido do que dizem as vozes alheias é percebido pelo protagonista – e pelo leitor – como um conjunto de enigmas, em função da diferença das perspectivas envolvidas. Será necessário adotar-se uma postura ativa, empenhar-se, para decifrá-los e será justamente tal empenho a condição para a partilha.

Nesse contexto complexo a dose extra de dificuldade é dada pelo fato de duas dessas outras vozes serem de mulheres, mulheres oriundas de diferentes classes e com diferentes percursos. Luísa Estrela é a menina de baixa condição econômica e social levada à prostituição. Sua vivência da sexualidade é atravessada pelas constrações que lhe são impostas por tal condição. Obrigada pelas circunstâncias a viver à margem, sua rebeldia é uma forma de reação quase instintiva à carga de injustiças que a atingem desde sempre. Já Zana pertence a uma classe privilegiada e, como tal, não está menos sujeita a constrações, são apenas de outra ordem. Usando as armas de que dispõem, ambas defendem suas individualidades ao mesmo tempo em que incluem o protagonista em suas vidas, exercendo um papel central no processo de transformação por que ele passa. Zana, libérrima, assim escreve:

A relação sexual só é justificável, num adulto, se for uma maneira de estar imenso com alguém. De estar tanto com alguém que se está com toda a restante gente como poucas outras vezes.

Quem se relaciona sexualmente com frivolidade irrita-me, o que é legítimo. A leviandade nessas coisas dá-me vontade de gritar como o sócio do Benfica a um jogador blasé: “Estás a brincar com meu dinheiro!” De cada vez que eu e o Puto estamos dans l’amour sinto-me fazendo o ponto da situação dos meus contemporâneos. Ou rezando por eles. Quer dizer: em relação por assim direta com a força invisível que sustenta o homem em progresso. No momento da relação física – mesmo que tome a forma de um sorriso trocado num café – ultrapassa-nos. No momento posterior à relação física completa é como – o quê? Como se reparasse no piloto do avião que me levou ao topo da vida, e quisesse fazer tudo por ele, em agradecimento. E logo vem uma palavra ou carícia de resposta, e é a maravilha (sempre nova) de saber que eu também fui o piloto dele num voo que só nós dois juntos podíamos efetuar assim aqui agora (BRAGANÇA, p. 168).

Como eu disse, trata-se de uma mulher libérrima, que coloca como condição para o estabelecimento de sua relação com o protagonista (o Puto a que ela se refere no trecho citado) que ela possa estar também com outros homens. O comportamento e as ideias de Zana são representativos de um contexto que teve no Maio de 68 seu ponto culminante, marcado pela convicção de que os processos de libertação associavam-se diretamente à defesa radical da individualidade. Mas Zana é uma figura singular, o que explica o fato de ela incluir no exercício da sua liberdade um elemento que não faz parte do retrospecto empreendido por Haqira Osakabe: o compromisso com alguém, o compartilhamento. Como se lê no trecho acima citado, na sua perspectiva a plenitude sexual depende da cumplicidade, para dizer o mínimo. Sua repulsa às atitudes frívolas nesse campo é uma boa pista sobre os desdobramentos problemáticos do Maio de 68, com a legítima valorização da individualidade dando lugar a um individualismo que, ao ignorar a importância da partilha de experiências, levou o indivíduo àquele isolamento percebido pelo eu lírico do poema de Torquato como o princípio do fim.

O que se desenha no romance de Nuno Bragança é um complemento importante às reflexões que se queiram balanços sobre o período: defesa acirrada da autonomia do indivíduo, sim, no que diz respeito ao repúdio às convenções, às tradições que o sufocam, impedindo-o de exercer uma diferença que contribua para a retirada do possível de dentro da algibeira – gesto fundamental para a sua efetivação. Mas a autonomia parece comprometer-se ao confundir-se com uma auto-suficiência que implique na completa retirada de cena do outro no percurso do eu. É essa ausência que se faz sombra no poema de Torquato, insuflando no eu-lírico a percepção da precariedade de sua ação. Não poderia existir formulação mais exata do que “pronomes pessoais e intransferíveis” para exprimir o ideal da identidade inconfundível e legitimá-lo. Mas *A noite e o riso* inclui nessa dinâmica a necessidade de levar-se em conta um dado fundamental para que a liberdade almejada seja duradoura: o movimento do eu em direção ao outro.

A falta de tal movimento corresponde à abertura para a insinuação daquela sombra que se instala no final de “Cogito”. Dali ela alastra-se perigosamente. Espalha-se pelo artigo de Haqira Osakabe, mostrando-se com toda a sua força na resposta à pergunta que ele se faz:

o que sobrou de 68, da sua experiência e de seu discurso? (...) No lugar da ilimitação, vieram os dispositivos restritivos (...) No lugar da invenção, da poesia e da utopia, o discurso pragmático, realista, conveniente, institucional. Diante desse quadro, o sentimento que provo é o da falência pela concessão. Os que sobrevivemos, alimentamo-nos das reverberações daquela experiência, da sua luminosidade. Fica o sentimento próximo da dor de termos tocado com dedos tão concretos uma impossibilidade ou um sonho: 1968 volatilizou-se na sua própria densidade. (OSAKABE, 1999, p. 168)

Pensando no que se descreve no poema de Torquato Neto, arrisco-me à hipótese de que o insucesso do movimento de movimentos que foi Maio de 68 deveu-se à sua condição de experiência vivida também como consolidação do individualismo, cujo nível de exigência é menos elevado do que se crê, facilmente satisfeito com a completude de pequenos, irrisórios desejos, numa excitante cadeia que vai comprometendo o campo de visão do sujeito, o alcance de sua mirada. Em um contexto em que o cidadão foi substituído pelo consumidor, o que pesa mais na balança do indivíduo satisfeito sobretudo com o seu individualismo: lutar pela democracia ou pelo último modelo do celular da moda? Como medida de equilíbrio dessa balança, não teria faltado àquela “experiência luminosa” uma melhor articulação entre o próprio e o outro? Não viria da ausência desse equilíbrio a “falência pela concessão” observada por Haquira Osakabe?

Visceralmente avesso ao “discurso realista, conveniente, institucional”, Nuno Bragança iria em frente depois do Maio de 68 defendendo o mesmo princípio que vimos rapidamente acima, apresentado pela Zana de *A noite e o riso*. Em *Directa*, seu romance seguinte, já de 1977, ele explora a questão intensificando-a através de um personagem que se divide entre pelo menos três compromissos: a luta contra a ditadura salazarista, o cuidado com a mulher que se entrega a um processo de autodestruição e os três filhos pequenos. Tendo já conhecido o fracasso dos ideais da Revolução dos Cravos, o romancista preocupa-se com o futuro, que ele vê em perigo mais do que nunca pela ausência de compromisso. O que não impede seu protagonista de prosseguir:

Qual era a minha situação? – teimosamente, egoisticamente talvez, mas inevitavelmente – a pergunta “e eu?” há-de sempre jorrar em todo ser humano colocado nas encruzilhadas do agir. E por ridículo que tal parecesse a quem considerasse a amplitude do meu divagar, a luta para salvar a minha mulher tinha tanta importância quanto essoutra luta, a de salvar o meu país que eu, ao nascer, viera encontrar em plena (aparente?) decadência final. (...) Eu travava em duas frentes uma luta em que não podia mais do que criar condições para que *outrem* agisse, voluntariamente: *povo* e *mulher*. Mas se *outrem* estava possuído do demónio abúlico, restava-me o conseguimento de saltar a cada acção (mesmo que parcialmente errada ou até falhada) para o projeto de uma nova acção no dia seguinte. Porque se os meus actos tinham acertadamente aberto portas a outros, acertáveis, o mais importante estava a salvo: a derrota seria impossível enquanto estivesse vivo e lutando. Mesmo que a vitória fosse também impossível, pelo menos à escala que eu desejava (BRAGANÇA, 2017, p. 386).

Este é um exemplo de imagem reversa da que encontramos no poema de Torquato Neto. A começar porque aqui o narrador confronta-se com o carácter egoísta da pergunta que se faz – “e

eu?”. No entanto, a sua atenção ao compromisso, sua expectativa de encetar uma relação com *outrem* a partir da qual haja mudanças, mesmo que parciais e precárias, são fatores suficientes para que ele desvie da rota do eu-lírico de Torquato, evitando o “viver tranquilamente todas as horas do fim”. Cheio de angústia, mas sem perder completamente a esperança na reversão do quadro porque profundamente comprometido com o possível que ele sente quando toca na algibeira.

## Referências

BRAGANÇA, Nuno. **Obra completa**. 1969–1985. Lisboa: Dom Quixote, 2017.

NETO, Torquato. **Os últimos dias de paupéria**. São Paulo: Max Limonad, 1982.

OSAKABE, Haqira. Maio de 1968 ou a medida do impossível. *In*: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (orgs.). **Rebeldes e contestadores**. 1968. Brasil França e Alemanha. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.